



To get – O verbo “coisar” da língua inglesa? A enunciação responde

To get – is it the equivalent to Brazilian Portuguese’s “coisar”?

João Daniel Passarelli França¹
Academia da Força Aérea

♦ **RESUMO:** Este artigo se insere no modelo teórico denominado Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), proposto pelo linguista francês Antoine Culioli (1990). Nossa meta é analisar, sob a ótica culioliana, o uso da marca *get*, um dos verbos mais complexos da língua inglesa devido a sua extraordinária polissemia. Esta característica confunde seriamente alunos e falantes não nativos e eles frequentemente não conseguem entender o sentido deste verbo, conforme pudemos observar, empiricamente, em nossas aulas e em consultas a *sites* de dúvidas *online*. Baseados nos conceitos de noção e domínio nocional (CULIOLI, 1985), buscamos também estabelecer um diálogo entre a enunciação e o ensino de estruturas, campos considerados antagônicos, a fim de encontrarmos uma alternativa para o ensino pautado por práticas mecanicistas, o qual identificamos como predominante em nossas escolas. Para apoiar esta discussão, usaremos ocorrências de *get* extraídas de fontes variadas como os dicionários Cambridge, Longman e MacMillan, letras de canções, diálogos de filmes, nossa dissertação de mestrado e, ainda, exemplos de nossa própria autoria.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** *Get*; Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas; Noção; Domínio Nocional; Ensino de Língua Estrangeira.

♦ **ABSTRACT:** This article is part of the theoretical model called Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE), proposed by the French linguist Antoine Culioli (1990). Our goal is to analyze, under Culioli's perspective, the use of the *get*, one of the most complex verbs in the English language due to its extraordinary polysemy. This feature seriously confuses students and non-native speakers and they often cannot identify the meaning of this verb, as we could empirically observe in our classes and also in consultations with online doubt sites. Based on the Culiolian concepts of notion and notional domain (1985), we also seek to establish a dialogue between the enunciation and the teaching of structures, fields considered antagonistic, in order to find an alternative to teaching guided by mechanistic practices, which we identify as predominant in our schools. To support this discussion, we will use instances of *get* extracted from a broad variety of sources like the dictionaries Cambridge, Longman and McMillan, lines from songs, film dialogues, our dissertation and examples of our own creation.

♦ **KEYWORDS:** *Get*; Theory of Enunciative and Predicative Operations; Notion; Notional Domain; Foreign Language Teaching.

Introdução

O trabalho que apresentamos aqui é fruto de pesquisas que se originaram por volta de 2004, ocasião em que ingressamos no curso de mestrado da Faculdade de

¹Doutor em linguística pela Universidade Federal de São Carlos. É professor adjunto da Academia da Força Aérea. jdanielpf33@hotmail.com

Ciências e Letras de Araraquara. Desde aquela época, percebemos que o ensino de língua estrangeira se pautava basicamente na apresentação de conteúdos gramaticais ou vocabulário, seguidos de exercícios objetivos de cunho mecanicista como preenchimento de lacunas ou associação de palavras. Atualmente, uma análise de duas das séries mais populares de ensino de inglês como *Interchange* e *American English File* nos revelam que, quase vinte anos depois do início desta pesquisa, tais práticas mecanicistas ainda predominam. Observamos, também, que as dificuldades dos alunos com o verbo *to get* ainda persistem. Esta inquietante constatação é o principal motivo que nos levou a retomar a pesquisa de nosso já longínquo mestrado.

Segundo Rezende (2008), o ensino de língua estrangeira tem sido orientado pelo que a autora descreve como uma “concepção instrumental” desta atividade. É importante abrir aqui um parêntese para esclarecer que o termo “instrumental” não se refere ao ensino de linguagem técnica. Ele se refere ao ensino voltado para necessidades imediatas dos alunos, ou melhor, aquilo que as escolas julgam ser necessário para o aluno, sobretudo, do ponto de vista profissional. Assim, privilegia-se, por exemplo, o ensino de conteúdos voltados para que o aluno seja aprovado em exames ou para que ele possa viajar para o país onde se fala a língua-alvo. Este contexto “objetivo” de ensino é marcado pelo imediatismo. Praticamente não há tempo para que o aluno internalize, reflita e se insira na língua que estuda. Isso explica o porquê de tantos exercícios mecanicistas.

Nós entendemos que a aprovação em exames, a inserção do aluno no mercado de trabalho ou uma viagem para o exterior são necessidades importantes e devem ser atendidas pela escola. Porém, acreditamos que esta não deve ser a única finalidade do ensino, inclusive porque muitas vezes o aluno ainda não faz ideia de qual caminho profissional pretende seguir. Ele também pode não ter interesse em viajar para o exterior. Assim, este ensino de cunho instrumental acaba sendo desmotivante para ele. Além disso, dentro desta concepção instrumentalista, costuma-se ensinar apenas as estruturas consideradas mais “úteis” para o aluno. Porém, observando séries como as já citadas *Interchange* e *American English File*, vemos que há várias outras marcas igualmente importantes para as necessidades comunicativas do aluno que deixam de ser ensinadas.

Uma destas marcas é o verbo *get*. Trata-se de um dos verbos de maior ocorrência na língua inglesa. Carvalho (2012, p 43), utilizando-se de instrumentos de coleta de corpus, analisa as transcrições de 750 palestras *online* em inglês (*TED talks*). *Get* aparece como o décimo segundo verbo mais frequente de todas as palestras. Devido ao seu caráter totalmente informal, acreditamos que em contextos mais coloquiais ele seja ainda mais frequente.

Além do alto grau de frequência, *get* é provavelmente o verbo mais polissêmico da língua inglesa. O dicionário Cambridge (2000) dedica três páginas aos sentidos deste verbo. Dentre os sentidos principais de *get* encontramos “obter”, “viajar”, “receber”, “ter”, “entender”, “atacar”. Aparentemente, “ter”, “viajar” e “atacar” são ideias completamente diferentes. Por que então elas são representadas pela mesma marca? Esta é a pergunta que se fazem muitos alunos de língua inglesa. Uma breve consulta ao *Google* apresenta dezenas de sites e páginas destinadas a explicar *get*. Várias delas se referem ao verbo como algo complicado. Alguns exemplos são:

- “Verbo *get*: como aprender de vez essa joça? (<https://www.mairovergara.com/verbo-get-em-ingles/>)

- “Verbo *get*: aprenda de uma vez por todas!” (<https://www.todamateria.com.br/verbo-get/>)

Há também referências a enorme polissemia da marca, entre elas, a que inspirou a escolha do título deste artigo:

- “O que significa GET: O famoso coisar da língua inglesa” (<https://www.inglesnapontadalingua.com.br/2007/01/get-o-famoso-verbo-coisar-da-lingua.html>)

- “O verbo *get* e suas 1001 utilidades” (<http://www.interamericano.com.br/o-verbo-get-e-suas-1001-utilidades/>)

Apesar de sua alta frequência e de sua complexidade semântica, não encontramos praticamente nenhuma menção a *get* em nenhum dos oito livros que compõem as duas séries observadas. Ironicamente, parece que o excesso de “objetividade” do ensino instrumental por vezes o torna menos objetivo, uma vez que estamos falando de uma marca extremamente instrumental para qualquer aprendiz de inglês.

Assim, pretendemos neste trabalho jogar um pouco mais de luz sobre o funcionamento do verbo *to get* a partir de uma ótica enunciativa para, em seguida, explicar o que há por trás da peculiar polissemia deste verbo. Este trabalho se inicia com uma breve descrição da TOPE. Nosso intuito é apresentar da forma mais simples possível o complexo modelo culioliano para aqueles que ainda não o conheçam. Embora haja várias operações predicativas e enunciativas envolvidas na construção de sentido, nesta apresentação enfocaremos os conceitos de noção e domínio nocional (DN). Estes dois princípios nortearão nossa análise. Após falarmos sobre estes dois conceitos, apresentaremos nosso *corpus* – ocorrências de *get* extraídas de dicionários impressos e *online* (seis ocorrências), letras de músicas (três ocorrências), um diálogo extraído de um filme e, ainda, três exemplos de nossa autoria. Usaremos estes exemplos para demonstrar os conceitos de noção e domínio nocional (DN). Finalmente, teceremos nossas considerações finais acerca do sentido de *get* e as relações entre enunciação e o ensino de estruturas linguísticas.

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas

Saussure (1916) estabelece as bases que permitem que a linguística ganhe o *status* de ciência. Porém, a linguística saussureana elege o sistema da língua como seu objeto de estudo central. A *langue* (estrutura), é, portanto, o personagem principal neste primeiro momento dos estudos linguísticos, ficando a *parole* (fala) em segundo plano. Neste contexto, o sujeito que enuncia não é levado em consideração. Quase cinquenta anos mais tarde, Benveniste (1989) oferece um estudo onde o enunciador é o objeto central da pesquisa linguística. Assim, utilizando a célebre metáfora saussureana do jogo de xadrez, se a linguística estruturalista enfocava os movimentos das peças e as regras do jogo, a linguística de Benveniste passa a focar o *sujeito* que move essas peças – suas intenções, motivações e os aspectos biológicos e sociais por trás de suas escolhas linguísticas. O autor concebe a linguagem como o próprio uso da língua e elege o ato individual de fala, chamado por ele de enunciado, como seu objeto de estudo. Como podemos ver, ele estabelece as bases da linguística enunciativa.

O modelo linguístico de Antoine Culioli se apoia nas bases erguidas por Benveniste. Porém, como explica De Vogué (2011), existe uma diferença na forma como os dois autores concebem a enunciação. Para Benveniste, ela é um ato de apropriação da língua pelo sujeito. Já Culioli a concebe como um processo a ser recuperado através dos enunciados. A TOPE propõe a criação de um sistema de representação metalinguístico, o qual dependerá de o linguista possuir uma intuição altamente refinada. Neste contexto, a linguagem é uma atividade complexa de significação. Ela é estável, mas, ao mesmo tempo, é deformável através dos agenciamentos das marcas linguísticas (PASSARELLI, 2020). Culioli propõe, portanto, um estudo minucioso das marcas textuais deixadas como rastros pelos sujeitos enunciantes. Este estudo busca identificar os processos cognitivos que determinam os agenciamentos realizados pelos interlocutores e envolvem o que o autor denomina de operações de representação, referenciação e regulação que, por sua vez, compõem o que ele chama de Atividade Epilinguística (AE). A AE, grosso modo, pode ser definida como o raciocínio - seus aspectos físicos, sensoriais e cognitivos - envolvido na produção e interpretação de enunciados (CULIOLI, 2000, p. 57). Além da AE, a TOPE é constituída de vários outros princípios e conceitos centrais, tais como Paráfrase, Noção e Domínio Nocial, Léxis, Enunciação e Predicação e, ainda, Modalidade e Aspecto, que ajudam a compor a gramática culioliana (PASSARELLI, 2020). Entre estes princípios, Noção e Domínio Nocial são os mais importantes para o estudo que realizamos.

Noção e Domínio Nocial

Noção é um conceito complexo, aliás, um dos mais complexos da TOPE. Uma definição recorrente de Noção a coloca como um sistema de representação de propriedades físico-culturais de natureza cognitiva. A Noção gera unidades lexicais *antes* que estas tornem-se categorias gramaticais. Ela vem geralmente representada entre barras, como por exemplo, /leão/. A Noção é, potencialmente, um predicado – “ter a propriedade de ser um leão”. Esse predicado é definido apenas em intensão. As noções possuem um certo grau de estabilidade para tornar possível a comunicação. Porém, são dinâmicas e só podem ser apreendidas através de suas ocorrências (PASSARELLI FRANÇA & ONOFRE, 2021). Então, a propriedade “ser leão” refere-se, ao mesmo tempo, a uma ocorrência específica e a qualquer ocorrência da marca “leão”. Assim, para definirmos o que é “ser leão” devemos levar em conta um certo número de propriedades que se identificam com tudo aquilo que realmente merece ser chamado de “leão”. Temos aí um processo de abstração que envolve a representação que o indivíduo faz de “leão” e, ao mesmo tempo, a representação que a sociedade faz desta marca. Grosso modo, Noção é tudo aquilo que ajuda a constituir objetos e eventos do mundo. Assim, a noção /ser leão/ engloba propriedades como “animal”, “carnívoro”, “quadrúpede”, “mamífero”, “forte”, “perigoso”, “corajoso”, entre outros.

O conceito de Noção dá origem ao *domínio nocial* (DN). Culioli (1985) explica que o DN engloba as ocorrências associadas a uma dada noção específica. Ele se forma a partir de uma ocorrência que serve como referência. Esta ocorrência é chamada de *centro organizador* da noção. O centro organizador possui três áreas: a primeira é o *interior*. O interior do DN comporta as relações de identificação com o centro organizador, as ocorrências que possuem todos os traços que constituem a noção. Ex: “um livro de verdade” (não uma brochura ou um catálogo). Algo que possui tudo aquilo que é necessário para “ser livro” – capa, páginas, que se enquadra em categorias

como “literatura”, “autoajuda”, etc. A segunda área da Noção recebe o nome de *exterior* do DN. Como o nome indica, esta área é o oposto da anterior. Ela é marcada por relações de diferenciação, desconexão ou separação do centro organizador. Ex; “Não é um livro mesmo”. Ou seja, não possui nenhum dos traços necessários para ser considerado livro. A última área do DN é a *fronteira*. Particularmente, consideramos esta área como a mais complexa por ser marcada por tudo aquilo que “é, mas, ao mesmo tempo, também não é algo”. É simples dizer quando algo é ou não é um livro. Porém, o que seria algo que é e, ao mesmo tempo, não é um livro? Culioli (1985) explica que a fronteira é formada pelas ocorrências que possuem traços tanto do exterior quanto do interior do centro organizador. Ex: “Talvez sejam livros”. Podem possuir alguns traços de livro, como, por exemplo, capa e páginas, mas não possui o conteúdo típico de livros – como seria o caso, por exemplo, de uma agenda ou um catálogo.

Ocorrências do verbo *to get*

Como dito anteriormente, em uma consulta ao dicionário Cambridge (2000), além de outras fontes, observamos variados sentidos para *get*. Muitos destes sentidos parecem não possuir relação alguma entre si. Veremos neste item duas ocorrências de cada um dos sete sentidos mais recorrentes do verbo.

1 – obter / receber

a) Did you *get* my message? (MRAZ & WILSON, 2005)

(Você recebeu minha mensagem?)

b) I **got** a 10 in my math test. (exemplo nosso)

(**Tirei*** um 10 na minha prova de matemática)

* “Tirar” possui aqui o sentido de “obter”.

2 - trazer

a) Tom, *get* me a wet towel. (PASSARELLI, 2007)

(Tom, me **traga** uma toalha molhada).

b) Can I *get* you a drink? (Cambridge, 2000)

(Posso te **trazer** uma bebida?)

3 - tornar, ficar*

a) Your coffee is *getting* cold. (Cambridge, 2000)

(Seu café está **ficando** frio / esfriando)

* “Ficar” tem aqui o sentido de mudar de estado, não de “permanecer”.

b) “Nowhere to go, nothing to do with my time, I **get** lonely, so lonely...” (MERCURY, 1984)

(Nenhum lugar pra ir, nada pra fazer, eu **fico** solitário, tão solitário...)

4 - chegar

a) What time will we *get* there? (LONGMAN, 2022)

(Que horas vamos chegar lá?)

b) “...I’ve been traveling night and day, I’ve been running all the way just trying to **get** to you (MCCOY & SINGLETON, 1956)

(...Eu viajo noite e dia, eu corro o caminho todo, tentando **chegar** até você)

5 - causar, fazer

a) Hal managed to **get** my e-mail working again (McMillan, 2022)

O Hal conseguiu **fazer** meu e-mail funcionar de novo.

b) We'll **get** this bus moving in a few minutes (Cambridge, 2000).

(Nós vamos **fazer** esse ônibus andar em alguns minutos)

6 - atacar, acertar

a) Take my knife! *Get* that one! (Filme: O último dos moicanos)

Toma minha faca! **Pega*** aquele ali!

* "Pegar" tem aqui o sentido de "atacar", esfaquear".

b) The first shot missed me but the second *got* me in the leg. (Exemplo nosso)

(O primeiro tiro passou mas o segundo me **acertou** na perna)

7 - entender

a) I told that joke to Sophie but she didn't **get** it. (Cambridge, 2022)

(Eu contei aquela piada pra Sophie mas ela não entendeu)

b) There was a lot of noise. I didn't *get* what Michael said. (Exemplo nosso)

Tinha muito barulho. Eu não **entendi** o que o Michael disse.

Análise das ocorrências

Vimos nas ocorrências apresentadas sete acepções do verbo *to get*. Estas estão entre os sentidos mais frequentes deste verbo segundo os dicionários indicados neste texto.

Com base no conceito culioliano de noção tentaremos responder aqui porque ideias tão distintas como “obter”, “atacar” e “viajar” são representadas pela mesma marca. Para chegar a esta resposta teremos de analisar, sobretudo o Domínio Nocial dos exemplos dados. Trabalhamos com a hipótese de que o sentido de “obter”, geralmente apresentado como o primeiro pelos dicionários, permeia as ocorrências de *get*.

Retomemos um exemplo da primeira acepção:

1B – *I got a 10 in my math test* (Tirei um 10 na minha prova de matemática).

DN de “obter”

Interior	Exterior	Fronteira
Receber, conseguir algo, adquirir, passar a ter algo, apropriar-se de algo, ganhar.	Perder, dar, distribuir, deixar de possuir algo, ceder.	Talvez obter, nem ganhar nem perder, continuar como está, não saber se obteve ou não

Considerando o que há no interior do DN de “obter”, vejamos as demais ocorrências de *get*:



2A – *Tom, get me a wet towel* (Tom, me traga uma toalha molhada).

2B – *Can I get you a drink?* (Posso te trazer uma bebida)

Em 2a O enunciador deseja **obter** uma toalha, deseja que seu interlocutor **consiga** uma toalha para ele. Ele deseja **passar a ter, apropriar-se** de uma toalha. Em 2b, o enunciadora pergunta se seu interlocutor quer **passar a ter, adquirir, possuir** uma bebida. Neste caso, oferece-se para **conseguir** uma bebida para seu interlocutor. Como podemos observar, os conceitos destacados em negrito estão todos no interior do DN de obter.

3A – *Your coffee is getting cold* (Seu café está ficando frio)

3B - *Nowhere to go, nothing to do with my time, I get lonely, so lonely...* ”

(Nenhum lugar pra ir, nada pra fazer, eu **fico** solitário, tão solitário...)

Neste caso, em 3a podemos dizer que o café está **obtendo** ou **ganhando** frieza. Está agregando mais frieza para si na medida em que seu dono não o bebe. Em 3b, o enunciador está **obtendo** ou **ganhando** mais solidão. Estes ganhos é que propiciam as mudanças de estado para, respectivamente, “frio” e “solitário”. É curioso observar que neste caso a obtenção ou ganho é involuntária, uma vez que frieza no café e solidão não são coisas desejáveis.

4A – *What time will we get there?* (Que horas vamos chegar lá?)

4B - "...I've been traveling night and day, I've been running all the way just trying to **get** to you

(...Eu viajo noite e dia, eu corro o caminho todo, tentando **chegar** até você)

Temos aqui um caso um pouco mais complexo uma vez que, aparentemente, “chegar” e “obter” são ideias totalmente distintas. Porém, se usarmos um pouco de abstração, perceberemos que tanto em 4a quanto em 4b os enunciadores desejam o *acesso* a algo, mais precisamente, o acesso a um lugar. Em 4a, este lugar é representado pela marca “*there*” (lá). Já em 4b, o enunciador deseja ter acesso a uma pessoa, representada por *you* (você), ele deseja estar próximo a esta pessoa, deseja ter acesso a um lugar junto a esta pessoa. Portanto, também podemos aplicar o conceito de “obter” às ocorrências de *get* com o sentido de “chegar”. Em suma, chegar a um lugar implica obter acesso ou proximidade a este lugar.

5 A - *Hal managed to get my e-mail working again* (O Hal conseguiu fazer meu e-mail funcionar de novo).

b) *We'll get this bus moving in a few minutes* (Nós vamos fazer esse ônibus andar em alguns minutos).

Temos aqui dois exemplos do chamado *get* causativo. Novamente, se nos aprofundarmos nos jogos de sentido propiciado pelas marcas do enunciado, podemos ver que em ambos os casos busca-se obter um *resultado*. Em 5a, este resultado é o bom funcionamento do e-mail, em 5b é o ônibus voltar a se mover. Portanto, esta é mais uma acepção de *get* que se apoia no conceito de “obter” algo.

6 A - *Take my knife! Get that one!* (Toma minha faca! Pega aquele ali!)

6 B - *The first shot missed me but the second got me in the leg.* (O primeiro tiro passou, mas o segundo me acertou na perna)

Tanto a facada em 6a quanto o tiro em 6b tem o objetivo de fazerem vítimas. Estas vítimas passam a ser algo que os autores das ações vão possuir. Ou seja, eles vão obter essas pessoas, elas passarão a estar sob seu controle uma vez abatidas. Podemos ainda dizer que em 6b o projétil obtém um pedaço da perna de seu alvo. Não é coincidência que o *get* de ambos enunciados se traduza por “pegar”. De certa forma, passamos a obter aquilo que pegamos.

7A - *I told that joke to Sophie but she didn't get it.* (Eu contei aquela piada pra Sophie, mas ela não entendeu)

7B - *There was a lot of noise. I didn't get what Michael said.* (Tinha muito barulho. Eu não entendi o que o Michael disse).

Este caso nos parece menos complexo. “Entender” algo tem uma clara relação com “captar” ou “pegar” o sentido de um enunciado. “Pegar” algo, como visto em 6, implica passar a obter algo. Assim, tanto 7a quanto 7b referem-se, respectivamente, a obter o sentido da piada e obter o sentido do que Michael disse.

Conclusões

Iniciamos este trabalho com dois objetivos em mente: o primeiro era estreitarmos os laços entre a enunciação, mais especificamente a TOPE, e o ensino de língua estrangeira (mais precisamente, o ensino de marcas lexicais). Para evidenciar esta relação usamos o conceito de Noção e Domínio Nocional. Acreditamos ter ficado claro que, para entender a grande variedade de sentidos de *get*, é necessário identificar o que há no interior de seu DN. É somente após esse trabalho de observação das marcas textuais – a qual Culioli (1990) define como o ofício do linguista por excelência - que conseguimos enxergar a relação entre todas as acepções do verbo inglês. Assim, demonstramos que a enunciação pode ajudar o aluno a compreender melhor a língua-alvo e, ainda, fornecer alternativas, diferentes perspectivas para que o professor possa explicá-la. O segundo objetivo deste trabalho era jogar um pouco mais de luz sob o sentido (ou “os sentidos”) da marca *get*. Para atingir esta meta, utilizamos catorze ocorrências de *get* contemplando sete dos sentidos mais comuns desta marca. Isso ajuda nosso leitor a conhecer melhor os usos deste verbo e, sobretudo, entender o que sustenta sua polissemia tão peculiar – o sentido de “obter”.

Este trabalho não tem a pretensão de ser um texto definitivo sobre o verbo *to get*. Existem, ainda, outros empregos de *get* que não foram abordados aqui para que este artigo não se alongasse demais. Também não temos a pretensão de encerrar a discussão sobre a relação entre enunciação e ensino de LE. Este texto enfocou apenas os conceitos de Noção e Domínio Nocional, os quais identificamos como os principais para nossa problemática. Porém, há outros conceitos do modelo culioliano, como as operações de parafraseamento e de representação, referenciação e regulação (atividade epilinguística), que também desempenham um papel importante na construção de sentido das ocorrências com *get*. Assim, há, ainda, muito espaço para mais trabalhos enfocando tanto o verbo *to get* quanto a TOPE e as implicações desta relação para o ensino.

Este trabalho iniciou-se com uma pergunta: o verbo *to get* seria o verbo “coisar” da língua inglesa? Em nossa concepção, a resposta para esta pergunta é que não, *get* não é o equivalente a “coisar” em inglês. Embora ele possa substituir vários outros verbos como “receber”, “viajar”, “tirar”, “entender”, entre outros, *get* possui uma identidade,

possui um sentido, ao passo que “coisar” não possui identidade ou sentido. Ele é, grosso modo, aquilo que o enunciador quiser que ele seja. Outra diferença é que “coisar” costuma ser usado para substituir verbos mais complexos, pouco frequentes na fala cotidiana, como, por exemplo, o verbo “cauterizar”. O falante que não conhece esse verbo pode trocá-lo por “coisar”, como em “Eles vão *coisar* a ferida”. Já *get* não se presta exatamente a esse papel de substituir qualquer verbo mais “complexo”, ele está relacionado a um número finito de verbos comuns.

Como recomendação didática, sugerimos um exercício de identificação, onde o aluno deve reconhecer e apontar os diferentes sentidos de *get*, como no exemplo abaixo:

Say the meaning of GET in the sentences below (Diga o sentido de *get* nas orações abaixo).

- a) *It's **getting** dark. We'd better go.* (Resposta: ficar)
- b) *I **got** an e-mail from an old friend.* (Resposta: receber)
- c) *Do you think they'll **get** here in time for the meeting?* (Resposta: chegar).

Nos níveis mais avançados o professor pode, ainda, pedir que o aluno dê as respostas em inglês (*become, receive e arrive*, respectivamente).

Assim, encerramos aqui esta etapa de nosso trabalho, iniciado há quase vinte anos. Esperamos que as questões aqui discutidas agucem o interesse de novos pesquisadores a estudar a contribuição da enunciação para o ensino de estruturas de línguas estrangeiras. Estas duas áreas não são antagônicas como costuma-se pensar e uma interação entre ambas pode ser uma alternativa para superar as limitações do ensino de cunho "instrumental" que predomina em nossas escolas.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I e II**. Campinas: Pontes, 1989.
- CAMBRIDGE. **Cambridge Dictionary of American English**. Cambridge University Press. Nova Iorque. 2000.
- CARVALHO, Carolina Tavares de. **Linguística de Corpus e suas contribuições para a elaboração de atividades de inglês nos níveis A2 e B1 (QCER)**. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto, 2021.
- CULIOLI, A. **Notes du séminaire de D.E.A.** 1983–1984. Paris: Poitiers, 1985.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Paris: Ophrys, 1990.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: operations et représentations**. Paris: Ophrys, 2000.
- DID YOU GET my message? Intérprete: Mraz, Jason. Compositor: Mraz, Jason & Wilson, Dan. In: MR A-Z. United States: Atlantic Records, 2005. 1 CD laser, faixa 4 (4 min).
- GET. In: CAMBRIDGE Dictionary. Cambridge University Press, 2022. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/get>. Acesso em: 11/03/2022.
- GET. In: LONGMAN Dictionary. Pearson ELT, 2022. Disponível em: <https://www.ldoceonline.com/>. Acesso em: 11/03/2022.

GET. In: MACMILLAN Dictionary. MacMillan Education Limited, 2022. Disponível em: <https://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/get#get> 60. Acesso em 11/03/2022.

LIVING ON my own. Intérprete: Mercury, Freddie. Compositor: Mercury, Freddie. In: MR. BAD GUY. United States: CBS Records, 1984. 1 disco vinil, Lado B, faixa 9 (4 min.).

LATHAM-KOENIG, C. Oxenden, C. **American English File**. Coleção. 2nd edition. Practice. Oxford: Oxford University Press, 2014.

LIMA, Denilson de. **O que significa GET: O famoso coisar da língua inglesa**. Disponível em: <https://www.inglesnapontadalingua.com.br/2007/01/get-o-famoso-verbo-coisar-da-lingua.html>. Acesso em: 25/02/2022.

MUNIZ, Carla. **Verbo get. Aprenda de uma vez por todas!** Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/verbo-get/>. Acesso em: 25/02/2022.

O VERBO GET E SUAS 1001 UTILIDADES. Disponível em: <http://www.interamericano.com.br/o-verbo-get-e-suas-1001-utilidades/>. Acesso em 25/02/2022.

O ÚLTIMO dos Moicanos Direção de Michael Mann. Estados Unidos: Warner Home Video, 1992. 1 videocassete.

PASSARELLI, J..D. F. **O verbo to get e o ensino de inglês** / João Daniel Passarelli França – 2007 111 f. ; 30 cm Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

PASSARELLI, J. D. F. **O ensino de língua estrangeira sob o viés da teoria das operações predicativas e enunciativas: um estudo dos verbos frasais do inglês**. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

PASSARELLI FRANÇA, J. D.; ONOFRE, M. B. **Diálogos entre enunciação e ensino de língua estrangeira**. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 50, n. 1, p. 337–356, 2021. DOI: 10.21165/el.v50i1.2971. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2971>. Acesso em: 4 mar. 2022.

REZENDE, L. M. **Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa**. Revista do GEL, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008.

RICHARDS, J. C. Hull, J. Proctor, S. **Interchange**. Coleção. 5th edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye ; com a colaboração de Albert Riedlinger ; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum ; tradução de Antônio ehelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. -- 27. Bd. -- São Paulo : Cultrix, 2006.

TRYING TO GET to you. Intérprete: Presley, Elvis. Compositores: Mccoy, Rose Marie & Singleton, Charles. In: Elvis Presley. Estados Unidos. Sun Records. 1956.

VERGARA, Mairo. **Verbo get. Como aprender de vez essa joça?** Disponível em: <https://www.mairovergara.com/verbo-get-em-ingles/> Acesso em: 25/02/2022.

VOGÜÉ, S. de. **Culioli após Benveniste: enunciação, linguagem, integração.** In: VOGÜÉ, S. de; FRANCKEL, J.J.-; PAILLARD, D. *Linguagem e Enunciação – representação, referenciação e regulação.* São Paulo: Contexto. 2011.

Recebido em julho de 2022.
Aprovado em agosto de 2022.

Como citar este trabalho:

FRANÇA, J. D. P. *To get* – O verbo “coisar” da língua inglesa? A enunciação responde. **Traços de Linguagem.** v. 5, n. 2, p. 70-80, 2021.
